

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DOM JOÃO REZENDE COSTA

Departamento de Filosofia

Leando Gabriel Coelho Costa

A CATEGORIA DE PESSOA NA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE LIMA VAZ

BELO HORIZONTE

2024

Leando Gabriel Coelho Costa

A CATEGORIA DE PESSOA NA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE LIMA VAZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de bacharel em Filosofia.

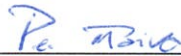
BELO HORIZONTE

2024

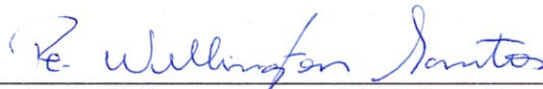
Leando Gabriel Coelho Costa

A CATEGORIA DE PESSOA NA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE LIMA VAZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de bacharel em Filosofia.



Prof. Dr. Pe. Márcio Antônio de Paiva – PUC Minas (Orientador)



Prof. Me. Wellington Santos – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 05 de dezembro de 2024.

Dedico essa monografia a Deus Nosso Senhor

À Virgem Santíssima, mãe do Ressuscitado

À Diocese de Governador Valadares a qual pertenço

A meus pais e familiares

E a todo ambiente acadêmico

AGRADECIMENTOS

Dirijo minha gratidão a Deus, por toda sabedoria.

À Virgem, Mãe do Ressuscitado, por sempre interceder por mim.

À Diocese de Valadares, nas pessoas de Dom Antônio Carlos Félix, Padre Euler Rodrigues, Padre Lucas Henrique e Padre Lucas Aredes, pela confiança.

Aos apoios de meu pároco, Padre Marcus Vinícius, assim como dos Padres Ozanilton Batista de Abreu e Alcimar Lima, CMF, Rodrigo Tomaz, Rodrigo Souza e Theófilo de Paula.

Pelas orações de todo o povo de Deus, especialmente aos que se encontram na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Governador Valadares, e na Basílica de Lourdes, em Belo Horizonte.

A Dom Francisco Vidal e ao amigo Saulo Nunes, pela sensibilidade e esperança.

A Dom Edmar José da Silva, pela indicação de seu artigo e por tê-lo escrito.

AMat

Ao padre Adilson Felício Feiler, SJ, professor da Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte, por sua credibilidade em meu potencial acadêmico e pontuações.

Ao Padre Márcio Antônio de Paiva, por suas contundentes pontuações e orientação.

A meus pais, pela base de humanidade que vêm me oferecendo no peregrinar desta vida.

A meus familiares e amigos, pela amizade de sempre.

E, de modo especial, àqueles que também me ajudaram nas questões linguística e estrutural, as professoras Maria Madalena Loredó Neta e Cláudia Bessa, minha mãe, Léa Coelho, minha tia Soraya Coelho e os amigos Platini Correia, CMF, Matheus Sanches, OFM, Lucas Lacerda, Gabriel Brito, Lucas Lacerda e Ruan Oliveira Gomes.

“Todos nascemos originais, mas muitos morrem fotocópias.” (Beato Carlo Acutis)

RESUMO

Essa monografia tem como objetivo esboçar a *categoria de pessoa* na obra *Antropologia Filosófica* de Lima Vaz, título-tema desse trabalho, e trazer o delineamento de *pessoa* na respectiva *categoria*. Para tal, optamos por construir dois capítulos, organizando-os de modo que, no primeiro capítulo, como abertura, elaboramos de forma breve o itinerário formativo intelectual de Lima Vaz, para entendermos como foi sendo construído seu pensamento. Na sequência descrevemos a estrutura da obra que selecionamos, *Antropologia Filosófica*, assim, como o objeto e método, de forma que fechamos esse capítulo com uma apresentação das categorias vazianas. Compreendendo dessa forma a *categoria de pessoa* como a síntese da supracitada obra, no segundo capítulo, seguimos conforme a construção por ele desenvolvida, elaborando uma introdução e trazendo a pré-compreensão, a compreensão explicativa, a compreensão filosófica, e por fim, sua conclusão, *a pessoa entre o tempo e a eternidade*. No entanto, trata-se de uma pesquisa qualitativa com o propósito de delinear essa *categoria* a fim de introduzir o leitor à antropologia vaziana.

Palavras-chave: Pessoa; homem; ser; expressividade; unidade.

RESUMEN

Esta monografía tiene como objetivo esbozar la categoría de persona en la obra Antropología Filosófica de Lima Vaz, título-tema de este trabajo, y traer el delineamiento de persona en la respectiva categoría. Para ello, optamos por construir dos capítulos, organizándolos de tal manera que en el primer capítulo, como apertura, elaboramos de forma breve el itinerario formativo intelectual de Lima Vaz, para entender cómo se fue construyendo su pensamiento. En la continuación describimos la estructura de la obra que hemos seleccionado, Antropología Filosófica, así como el objeto y método, de manera que cerramos este capítulo con una presentación de las categorías vacías. Entendiendo de esta manera la categoría de persona como la síntesis de la obra antes mencionada, en el segundo capítulo seguimos según la construcción por él desarrollada, elaborando una introducción y trayendo la precomprensión, la comprensión explicativa, la comprensión filosófica, y finalmente, su conclusión, la persona entre el tiempo y la eternidad. Sin embargo, se trata de una investigación cualitativa con el propósito de delinear esta categoría a fin de introducir al lector a la antropología vaziana.

Palabras clave: Persona, hombre, ser, expresividad, unidad.

Sumário

Introdução	10
1 Breve itinerário intelectual de Lima Vaz	12
1.1 Formação do pensamento de Lima Vaz	12
1.2 A estrutura da antropologia filosófica de Lima Vaz	14
1.2.1 Objeto e método da Antropologia	16
1.2.2 Itinerário metodológico	17
1.2.3 Os polos fundamentais	17
1.2.4 Os três níveis de conhecimento do homem	18
1. 2. 5 As categorias da antropologia vaziana	18
2 A categoria de pessoa	23
2. 1 A categoria de pessoa na obra <i>Antropologia Filosófica</i>	23
2.1.1 A pré-compreensão	26
2.1.2 A compreensão explicativa	27
2.1.3 A compreensão filosófica	27
2.1.4 A pessoa humana entre o tempo e a eternidade	30
Considerações finais	33
REFERÊNCIAS	34

Introdução

No âmbito filosófico, desde a cultura grega arcaica ocidental do século VIII a. C. até o contexto atual, já há a preocupação de se elaborar uma concepção de ser humano sob o signo da linguagem do termo *homem*. Assim, foram elaboradas diversas concepções de *homem*, a saber: as clássicas, as cristãs-medievais, as modernas e as contemporâneas.

Dessa busca pela formulação da concepção de *homem* surge-nos a termo o entendimento dessa pesquisa como *antropologia filosófica*, que dará título a obras cuja a intenção será de analisar ou formular o conceito de ser humano. Compreendendo-o como *sujeito*, *ser subjetivo* ou *pessoa*. Diante dessa preocupação se evidenciará, entre o final do século XX e início do XXI, como teórico com obra publicada sob esse título, o jesuíta, padre e professor brasileiro, Henrique Cláudio de Lima Vaz.

Padre Vaz, assim ficou conhecido, ao publicar essa sua obra não teria como intenção principal ser mais um teórico dessa, mas de usá-la como base em suas aulas. Haja vista que era professor da disciplina, que também carregava esse nome, nas faculdades de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais e do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus¹ (CES), ambas em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Ao compor essa obra, Lima Vaz seguirá a estrutura e o método próprios reutilizando o termo tomásico de *categorias* e ilustrando o conceito *pessoa* na parte final. Nessa direção, na presente monografia buscaremos analisar essa última categoria por meio de dois capítulos baseando-nos em artigos, entrevistas, dissertações e teses cujo o alvo de aprofundamento foi a antropologia vaziana. No primeiro capítulo o nosso percurso se dará sob a formação intelectual de nosso autor, em seguida, a estrutura de sua obra.

Ao caminharmos nas trilhas da estrutura da antropologia vaziana, buscamos traçar os seguintes pontos: objeto e método, itinerário metodológico, os polos fundamentais, os níveis de conhecimento do homem e as categorias vazianas (estruturais, de relação e de unidade).

¹ Atual Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

Já no segundo capítulo nós aprofundaremos a categoria de pessoa seguindo a fórmula por ele elaborada: de introdução ao conceito, delineamento da pré-compreensão, apresentação da compreensão explicativa, elaboração da compreensão filosófica trazendo as aporéticas histórica e crítica, e inserindo a *pessoa entre o tempo e a eternidade*. E por fim, nas considerações finais buscaremos trazer algumas percepções que podemos ter após ler a categoria de *pessoa* na conjuntura de sua obra.

A saber, que Lima Vaz busca reconstituir a *pessoa humana* como uma unidade e inserida no horizonte do tempo. Em outras palavras, reconhece que a *pessoa humana* é composta por aspectos, que nomeia como *categorias*, e que ela, será assim, o resultado final da soma dessas categorias no horizonte do tempo.

1 Breve itinerário intelectual de Lima Vaz

Para entendermos o pensamento de um autor podemos ir ao contexto histórico, ao cultural, ao religioso, ao moral ou a outros contextos em que tal autor está inserido. Pois cada qual escreve a partir daquilo que está observando, portanto, a partir de suas vivências. Sob esse entendimento vemos de início a necessidade de elaborar um itinerário a cerca da formação de nosso autor, Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz.

1.1 Formação do pensamento de Lima Vaz

Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz foi um jesuíta, padre e professor universitário. Segundo informações² do próprio Padre Vaz, em 29 de Março de 1938 ingressou na Companhia de Jesus, recebendo formação acadêmica inicial na Faculdade Anchieta de Nova Friburgo (RJ), o bacharelado em Filosofia, que finalizou em 1945; e a licenciatura em Filosofia, no ano de 1946. Posteriormente foi estudar na Universidade Gregoriana de Roma, onde recebeu o bacharelado em Teologia, que terminou em 1949; a licenciatura em Teologia, em 1950; e o doutorado em Filosofia, que defendeu em 1953 com o título “*De Contemplatione et Dialectica in Platonnis Dialogis*”; além dos cursos de leitura de textos de Plotino, ministrado em 1951 pelo professor René Arnou; de Kant, ministrado em 1952 pelo professor Aloys Naber; e um curso sobre o neopositivismo, ministrado também em 1952, pelo professor Frederick Copleston.

Conforme depoimento do próprio Lima Vaz, na Faculdade Anchieta de Nova Friburgo (RJ), teve intenso contato com a filosofia escolástica visto que

a formação filosófica ali ministrada era rigidamente escolástica e acentuava fortemente, mesmo sob o ponto de vista didático da distribuição das disciplinas, o caráter sistemático do modo de pensar filosófico. Tinha, no entanto, um mérito incontestável: o mérito de existir e, portanto, de oferecer um bem definido ponto de partida aos que se sentissem chamados a uma vocação de filósofo. Mérito que dificilmente poderá ser apreciado pelos que jamais experimentaram as alegrias austeras de um exigente exercício intelectual, controlado por esse incomparável instrumento de precisão que é o latim escolástico. O texto adotado na época, na Faculdade de Filosofia de Friburgo, era a *Philosophiae scholasticae summa* de V. Remer, S.J., outrora professor da Universidade Gregoriana. Esse texto sóbrio e rigoroso tinha, pelo menos, uma originalidade: a constante referência as obras de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, citadas a cada página. (Ladusâns, 1976, p. 299)

² Disponíveis em <https://padrevaz.com.br/index.php/biografia/textos-autobiograficos/225-biografia-redigida-no-ano-de-1976>.

Também, na Faculdade Anchieta, teve contato com as filosofias modernas de Husserl e Heidegger, através do professor Padre Eduardo Magalhães Lustosa; com o neopositivismo de Philip Frank, através do professor Padre Francisco Xavier Roser; a filosofia neoescolástica de Sertillanges, Roussellot, Gilson, A. Forest, Maritain, Joseph Maréchal³. Vale apontar que também teve contato com outros pensamento filosóficos como de F. Nietzsche, I. Kant, Joseph de Finance, J. B. Metz, J. B. Lotz⁴.

Em sua formação teológica, na Universidade Gregoriana, em Roma, também teve uma formação altamente escolástica. Ali teve como professores os últimos representantes do “tomismo romano” da Companhia de Jesus, dos Billot e Matiusi, o PP. Charles Boyer e Paolo Dezza. Assim como, contato com a *nouvelle théologie*, principalmente por meio de Teilhard de Chardin, o qual conduziu-o ao cristianismo do Deus sempre maior agostiniano; com o existencialismo francês de Sartre, que formulou a seguinte afirmação ontológica: “a essência precede e assume a existência finita num universo de ordem e finalidade”, a qual discordava; com o personalismo francês de E. Mounier; com os artigos reflexivos acerca dos campos social e político publicados na revista *Esprit*; com os documentos papais *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*” e retorno ao pensamento de Maritain.

Foi a partir do personalismo de Mounier que ele obteve conhecimento acerca do marxismo, haja vista que era a principal preocupação daquela linha de pensamento, confrontar esta. Assim, toda sua crítica ao marxismo terá como principal base o personalismo de Mounier, que o encoraja também, conforme sublinha Villela-Petit, a agir enquanto cristão (Villela-Petit, 2021). Contudo seu maior estímulo intelectual teológico será a *nouvelle théologie* das formulações do Pe. Henri de Lubac, o qual o fez passar pela literatura de Maurice Blondel e retornar aos *Diálogos* de Platão.

Em 1953 retornou ao Brasil passando a lecionar na Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo (RJ) e a partir de 1955 passou a ter seus interesses despertados à filosofia moderna. No sentido da filosofia moderna teve como caminho o estudo em Descartes e Espinoza, em seguida Hegel, a epistemologia de Mach, Duhem, Poincaré, Broglie,

³ Joseph Márechal: jesuíta, padre, filósofo e psicólogo belga que viveu entre 1878 e 1944.

⁴ J. B. Lotz: Johannes Baptist Lotz, alemão, foi um filósofo jesuíta de linha tomista. Viveu entre 1903 e 1992.

Schröndiger, Heisenberg, H. Weyl, V. von Weiszäcker, de filósofos ou historiadores da ciência como León Brunschvic, além de intelectuais como G. Bachelard, A. Koyré, R. Lenoble, E. J. Dijksterhuis.

E já em 1959, com o II Congresso Brasileiro de Filosofia, é conduzido brevemente à obra de Wittgenstein, que aprofundará posteriormente. Mas, terá como eixo de pesquisa e aprofundamento até seu falecimento, que se deu em 23 de maio de 2002, Hegel⁵ e a questão hegeliana do “cristianismo como ‘a religião dos tempos modernos’”. A respeito de suas pesquisas sobre Hegel⁶, comentará Santos que

para chegar a Hegel, contudo, há que se atravessar a imensa barragem das três críticas de Kant. Padre Vaz estudou-as com exemplar cuidado. Para sair de Hegel, no entanto, a modernidade exige um rito de passagem por Marx. Henrique Vaz não se esquivou dessa passagem, mas realizou-a como que de modo preventivo, antes mesmo de iniciar-se em Hegel. (Santos, 2002)

À medida em que ia recebendo essa formação e influência que Vaz ia escrevendo seus diversos livros, artigos, editoriais, verbetes, notas bibliográficas, apresentações. Por questões pedagógicas gostaríamos de destacar seus livros, sendo os principais, publicados enquanto era vivo: *Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin*; *Ontologia e História*, sendo que sua primeira edição foi em 1967; seus *Escritos de Filosofia I – VII*, publicados entre 1986 e 2002; *Antropologia Filosófica I*, em 1991; *Antropologia Filosófica II*, em 1992, *Experiência mística e filosófica da tradição ocidental*, em 2000.

Entre suas obras referidas anteriormente, uma se destaca mais em relação às outras por não ter caráter estrito, a obra *Antropologia Filosófica*, onde buscou fazer um itinerário sistemático da concepção de ser humano no terreno da filosofia. Sendo importante notar que seguirá método e estrutura próprios, que são apresentados logo no primeiro tomo dessa obra.

1.2 A estrutura da antropologia filosófica de Lima Vaz

Antes de aprofundarmos a antropologia filosófica vaziana podemos nos perguntar, talvez movidos pela curiosidade, o que o fez querer adentrar ao mundo da antropologia

⁵ Hegel foi um filósofo alemão idealista que viveu entre 1770 e 1831.

⁶ São frutos dessas pesquisas obras como *A formação do pensamento de Hegel* e seus manuscritos que se encontram referenciados em <https://padrevaz.com.br/index.php/pensadores/hegel/manuscritos-sobre-hegel/272-referencia-bibliografica-completa-sobre-hegel>.

filosófica. Para compreendermos a resposta dessa pergunta podemos recorrer a um antecedente histórico. Anterior a Lima Vaz está Kant, filósofo alemão que querendo trazer o ser humano ao centro de sua filosofia moral expõe que, enquanto seres humanos, nós somos postos diante de alguns questionamentos pertencentes à vida da Filosofia. Nesse sentido, Kant as reuniu quatro perguntas:

o que posso saber?
O que devo saber?
O que me é permitido esperar?
O que é o homem?
 (Kant, 1992, p. 42)

Assim, na formulação da última pergunta, Kant abre as portas da antropologia filosófica pontuando sua importância e pondo-a sob o prisma de três tarefas fundamentais:

- a) elaboração de uma ideia do homem que considere a tradição filosófica e as contribuições das ciências humanas;
 - b) uma justificação crítica dessa ideia e que se apresente como fundamento da unidade dos múltiplos aspectos do fenômeno humano;
 - c) uma sistematização filosófica que se constitua como Ontologia e responda ao problema clássico da essência: o que é o homem?
- (Herrero, 2004, p. 54)

É nesse contexto que Lima Vaz busca discorrer sobre tal pergunta, “o que é o homem?”, esforçando em organizar os materiais e referências já escritos por outros autores⁷. Assim, organiza-os de forma que sua obra sobre a antropologia filosófica fique estruturada em dois tomos e duas partes. No primeiro tomo discorre a primeira parte, a histórica, e introduziu a segunda parte, a sistemática com as categorias estruturais. No segundo, concentrou-se na sistemática, trazendo outras duas categorias, as de relação e as de unidade.

Buscou desenvolvê-la “através do método dialético e ontológico⁸” (Oliveira, 2016, p. 5) sem deixar, portanto, de utilizar dos métodos empírico-formal, fenomenológico e hermenêutico. Nesse sentido distinguirá três níveis de conhecimento do homem, a saber, da pré-compreensão, da compreensão explicativa e da compreensão filosófica ou transcendental que desenvolverá em cada uma de suas categorias – os quais ele

⁷ Exemplos de autores são Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Kant, Hegel, J. B. Lotz, J. B. Metz, C. Tresmontant, J. Lacoste.

⁸ Sobre o método dialético de Lima Vaz ver Oliveira (2013).

identifica o ser humano possuir e serem as coordenadas do “espaço conceptual no qual se inscreve o *ser-homem*.” (Lima Vaz, 1991, p. 153).

Em sua divisão incluiu, nas categorias estruturais, aquelas de nível ontológico do ser humano: *corpo próprio*, *psiquismo* e *espírito*. Nas de relação, aquelas referentes à saída de si do homem: *objetividade* (para o mundo), *intersubjetividade* (para o Outro) e *transcendência* (para o Absoluto). E por fim, nas de unidade, aquelas que unificam as categorias anteriores: *realização* e *pessoa*.

Contudo, em sua antropologia, “a pessoa aparece, assim, como ato total, que opera a síntese entre as categorias de estrutura e as categorias de relação através do seu desenvolvimento existencial” (Lima Vaz, 1991, p. 154) de tal forma que se faz necessário buscarmos um conhecimento prévio de cada categoria para aprofundar a categoria de pessoa.

1.2.1 Objeto e método da Antropologia

Antes de tratarmos brevemente das *categorias vazianas* temos que delinear o objeto e método utilizado por ele em sua sistematização. O objeto proposto na antropologia vaziana foi de buscar o homem como sujeito-objeto (Lima Vaz, 1991, p. 162), visto que, é o próprio homem enquanto sujeito que se coloca como objeto do discurso da antropologia filosófica buscando um saber de si. Todavia, “não se trata de um saber sobre o sujeito, pelo contrário, deve ser um saber do sujeito, que realiza a tarefa como filósofo que é um intérprete da humanidade, através do conhecer-se formalmente como sujeito.” (Andrade, 2016, p. 29).

Para tratar desse objeto, o filósofo jesuíta utiliza um método dialético-ontológico, que integra aspectos de outros métodos, como o hermenêutico, o fenomenológico e o empírico-formal propondo um itinerário metodológico (Lima Vaz, 1991, p. 142) composto por três momentos de conhecimento do homem: pré-compreensão, compreensão explicativa e compreensão filosófica ou transcendental (Lima Vaz, 1991, p. 143 - 144).

Para formular esse método dialético, Lima Vaz inspira-se em duas dialéticas, a platônica⁹ e a hegeliana¹⁰. Orienta-se na platônica reconhecendo nela uma ontologia que

⁹ Sobre a dialética platônica ver Oliveira (2013).

¹⁰ Sobre a dialética hegeliana ver Oliveira (2013).

põe em evidência várias oposições buscando a superação dessas num movimento de coleção (Oliveira, 2013, p. 71 – 73). E na helegiana para pensar o movimento de autorrealização humana (Oliveira, 2013, p. 88), mas a modifica inserindo a noção de *ser*¹¹ de Santo Tomás de Aquino (Oliveira, 2013, p. 95). E, portanto, a partir de seu método dialético tentará seu itinerário metodológico.

1.2.2 Itinerário metodológico

Em seu itinerário metodológico, Vaz faz uma retomada da análise aristotélica do saber¹², seguindo, por sua vez, os três momentos clássicos: *objeto, conceito e discurso*.

No primeiro ele trata do homem trazendo-o como objeto e sujeito, simultaneamente. Construindo, assim, o homem desde a pré-compreensão, e o tematizando de modo mais denso no nível da compreensão filosófica. No segundo conceitua o seu objeto dando forma à categoria no nível da compreensão filosófica. Aqui o exprime em sua inteligibilidade última definindo a sua conceptualidade. Por fim, é na formalidade do discurso que as categorias se articulam dialeticamente, manifestando o movimento de autoconstituição do sujeito pela forma da suprassunção dessas categorias, que possui seu cume no nível da *totalidade*, isto é, da *pessoa*. (Lima Vaz, 1991, p. 147).

Esse último momento implica três níveis de mediação do sujeito: empírico, abstrato e transcendental. (Lima Vaz, 1991, p. 148 - 150).

1. O primeiro situa-se no polo fundamental da pré-compreensão, nele o sujeito manifesta-se no *Eu*.
2. O segundo situa-se no polo fundamental da compreensão explicativa, e nele o *sujeito* é o sujeito metodologicamente abstrato.
3. E o terceiro situa-se no polo fundamental da compreensão filosófica sendo o sujeito, aqui, o *Eu penso* da modernidade em sua *subjetividade absoluta*.

1.2.3 Os polos fundamentais

Lima Vaz constrói seu discurso a partir de três polos que considera fundamentais:

- a) polo das *formas simbólicas*: situado no horizonte das ciências da cultura;

¹¹ Sobre a noção de *ser* em São Tomás de Aquino ver Konzen (2017, p. 33).

¹² A análise aristotélica do saber consiste basicamente: naquilo que é dado empiricamente [objeto], sua expressão noética [conceito] e sua articulação [discurso].

- b) polo do *sujeito*: situado no horizonte das ciências do indivíduo e do seu agir individual, social e histórico;
- c) polo da natureza: situado no horizonte das ciências do homem. (Lima Vaz, 1991, p. 7)

Sob o prisma desses polos elaborará os momentos da pré-compreensão, da compreensão explicativa e da compreensão filosófica. Como podemos perceber o primeiro momento quer ilustrar os precedentes, assim como, toda experiência natural. O segundo momento quer delinear as *ciências do homem*¹³. E o último, por sua vez, quer trazer a experiência filosófica, isto é, a experiência do sujeito enquanto sujeito por meio da concretude conceptual da totalidade. (Andrade, 2016, p. 36 – 38).

1.2.4 Os três níveis de conhecimento do homem

Conforme apontado, ao propor seu itinerário metodológico, Lima Vaz o compõe com três momentos destacando o da compreensão filosófica ou transcendental. Nesse, seguirá a seguinte estrutura: nível *aporético*, nível da *categoria*, nível da *dialética*.

No *aporético* expõe a problemática do objeto desde a ótica da história da filosofia à da reflexão crítica. Ao alcançar a reflexão crítica a faz sob dois pontos de vistas: da forma e da posição. O nível da *categoria* é o ponto de exposição de determinado aspecto do ser. Aqui parte das mediações empírica e abstrata para alcançar o conceito ontológico. Por fim, no nível da *dialética* busca expor a relação de oposição e suprassunção dos termos. (Lima Vaz, 1991, p. 152 – 153).

Contudo, no último nível, Lima Vaz reconhecerá o regimento de três princípios, a saber: da limitação eidética, ilimitação tética e da totalização. O primeiro princípio surgirá pela característica não-intuitiva de nosso conhecer intelectual, assim, corresponderá a um dos aspectos do objeto. O segundo surgirá do dinamismo de nosso conhecer intelectual, ele traz o aspecto de oposição, e quer apontar um transcender humano, que é o que traz a ilimitação. E o terceiro terá como meta a igualdade da inteligibilidade presente entre o objeto e o ser. (Lima Vaz, 1991, p. 153).

¹³ São consideradas *ciências do homem* as ciências da vida, da cultura, econômicas, sociais, do psiquismo e as humanas.

1. 2. 5 As categorias da antropologia vaziana¹⁴

Resumidamente, a antropologia vaziana é o estudo do homem sobre si mesmo, com o intuito de investigar e responder à pergunta: “o que é o homem?”. Para isso, diante das várias reduções que as ciências fizeram do objeto-homem, padre Vaz construirá um sistema organizado no qual considerará todas essas correntes do saber com criticidade, tentando encontrar a unidade ontológica do ser humano. Contudo, entenderá que o ser humano é composto por aspectos, e a cada um desses chamará de categoria.

O termo “categoria”, de inspiração aristotélica, é muito sugestivo, visto que categoria é um modo de ser do ser, mas não responde pela totalidade do ser. Portanto, cada categoria antropológica de Lima Vaz diz algo sobre este ser específico que é o ser humano, mas nenhuma delas o diz na sua completude e riqueza ontológica. É a totalidade das categorias que definirá o ser humano como pessoa. (Silva, 2020, p. 12)

É nesse sentido que as organizou em três grupos: *estruturais, de relação e de unidade*.

1.2.5.1 As categorias estruturais

Por meio das *categorias estruturais* percebemos que, há uma ontologia do ser humano,

Lima Vaz afirma que o ser humano possui uma constituição ontológica tríplice. Neste sentido, ele usa o esquema tripartido, de inspiração mais bíblico-cristã, e não o esquema dual grego. Para ele, o ser humano é constituído de corpo próprio, psiquismo e espírito. É a unidade destas três categorias estruturais que responde pela identidade ou *ipseidade* do ser humano, pelo seu aspecto constitutivo-ontológico. (Silva, 2020, p. 17)

Seguindo essa direção, a primeira experiência de si do ser humano será o de reconhecer-se como ser corporal e que se exterioriza (Silva, 2020, p. 17). O que conduz Vaz a formular sobre a categoria de *corpo-próprio*, onde seguirá a concepção tomásica, afirmando que, o ser humano não existe sem o corpo. (Silva, 2022, p. 19).

Por sua vez, no *psiquismo*, o homem se adentrará ao interior, edificando-o sob os eixos do imaginário e do afetivo (Silva, 2020, p. 19) e unificando vivências e comportamentos. (Vitor, 2019, p. 133).

Na concepção vaziana, ambas categorias irão se articular na categoria de *espírito*.

¹⁴ Ver Silva (2020); Vitor (2019); Silva (2022).

Através de um movimento descendente, o espírito desce e assume as categorias do corpo e do psiquismo, e no momento ascendente, os eleva a uma dimensão superior, dando a eles um estatuto propriamente humano. É importante notar que suprasumir não significa suprimir a categoria anterior, mas assumi-la elevando-a. (Silva, 2020, p. 22)

Assim, a *categoria de espírito* é “o ápice da unidade estrutural do ser humano” (Soares, 2016, p. 50). Padre Vaz constrói sua noção de *espírito humano* apresentando esse nível estrutural como o nível noético-pneumático (Lima Vaz, 1991, p. 181), dessa forma, na pré-compreensão delinea os quatro temas do espírito da tradição ideohistórica: *pneuma*, *nous*, *lógos*, *synesis*, que se encontram, e consequentemente unificam os traços da *experiência espiritual*. Essa experiência Vaz traça-a apontando, já inicialmente, ser a que traz ao humano o caráter de presença a si e ao mundo (Lima Vaz, 1991, p. 185). Será na compreensão filosófica que irá finalmente conceituar o que está chamando de estrutura noético-pneumática, isto é, de estrutura de inteligência e liberdade. Nessa direção, nosso autor define o ser humano como ser *espiritual* colocando-o como *ser-para-a-verdade* (estrutura noético) e *ser-para-o-bem* (estrutura pneumática) dando a ele o caráter de acolhimento do Ser e inclinação a este (Lima Vaz, 1991, p. 198). Portanto, aponta o Ser como fundamento último do espírito, o que faz com que o espírito defina o agir pessoal e seja encontrado na presencialidade e na doação dos atos pessoais (Silva, 2022, p. 96), dessa forma Vaz coloca o homem como um

ser situado e, ao mesmo tempo, relacionado com a totalidade da realidade exterior. Essa relação pode ser vista a partir de três esferas que determinam a diferenciação das regiões ônticas da realidade das relações do homem, isto é, as esferas da sua relação de objetividade, de intersubjetividade e de transcendência. (Silva, 2022, p. 96)

As quais evidenciam o ser humano como um ser aberto ao Mundo, ao Outro, e ao Absoluto, consequentemente, como um ser que não pode viver voltado ou fechado a si mesmo numa espécie de individualismo ou solipsismo.

1.2.5.2 As categorias de relação

Dessa forma, ao reconhecer o ser humano como aberto ao Mundo, ao Outro e ao Absoluto, Vaz observa que as relações humanas são sumamente importantes para o desenvolvimento integral do ser humano. Na concepção vaziana não é possível a realização de nossa natureza no isolamento, é no diálogo e na interação com tudo o que nos cerca que podemos assumir nossa identidade pessoal, isto é, enquanto seres

humanos nos aperfeiçoamos por meio das relações (Silva, 2020, p. 23), sendo definidos como *ser-em-situação* ou *ser-de-presença*. Consequentemente, “somos necessariamente *ser-no-mundo*, *ser-com-os-outros* e *ser-para-a-transcendência*” (Oliveira, 2016, p. 35).

Nesse sentido, na *categoria de Objetividade*, Vaz busca ilustrar como o homem se volta para o mundo como *ser situado*, entendendo que nessa categoria ganhará a primazia o *corpo-próprio* (Lima Vaz, 1992, p. 14), e assim, apresentará o ser humano como *ser-no-mundo* que vê o mundo diante de si e sente-se impelido a agir sobre ele (Silva, 2020, p. 25).

Na *categoria de Intersubjetividade* quer nos apresentar como o homem se relaciona com o Outro “a partir dos princípios do reconhecimento, do consenso, da reciprocidade, da justiça, da dignidade, do amor dom” (Oliveira, 2016, p. 35), que se dá, principalmente, por meio da técnica e do fazer do Eu com o Tu (Outro) presente na linguagem. Aqui, ganha a primazia o psiquismo (Lima Vaz, 1992, p. 14) e há o encontro da antropologia com a ética (Silva, 2020, p. 27).

Por fim, afirmará a existência da articulação entre ambas na *categoria de Transcendência*.

A relação de *transcendência* resulta, na verdade, do excesso ontológico pelo qual o sujeito se sobrepõe ao Mundo e à História e avança além do *ser-no-mundo* e do *ser-com-o-outro* na busca do fundamento último para o *Eu sou* primordial que o constitui e do termo último ao qual referir o dinamismo dessa afirmação primeira. É desse excesso ou dessa superabundância ontológica do sujeito, expressos estruturalmente na categoria do *espírito* que procede, de resto, o dinamismo mais profundo da História e a inexaurível gestação de formas de busca ou expressão do Absoluto que acompanha o curso histórico e que é a atestação mais evidente da presença da relação de transcendência na constituição ontológica do sujeito.
(Lima Vaz, 1992, p. 94)

Assim, desenhará a relação do ser humano com “as noções transcendentais: *ser*, *uno*, *verdadeiro*, *bom* e *belo* (Oliveira, 2016, p. 35) dando a primazia ao *espírito*. Essa relação será, assim, a responsável em conduzir o ser humano à *totalidade* do seu ser no caráter da unidade de si.

1.2.5.3 As categorias de unidade

Por meio das *categorias de unidade*, o autor quer resgatar e defender a visão unitária de homem ou de ser humano. Articula-a em duas categorias, *de realização* e *de*

peessoa. Na *de realização* quer mostrar os caminhos os quais se dará a unidade do ser humano em sua situação e finitude (Lima Vaz, 1992, p. 144). Nesse horizonte, vemos a “passagem do ser que é ao ser que se torna ele mesmo pela negação dialética do *outro* no ativo relacionar-se com ele, o que implica a supressão do outro no desdobrar-se da unidade fundamental (Aquino, 2016, p. 25).

Portanto, será a responsável pela atualização do ser humano na existência (Rocha, 2011, p. 58) o que conduzirá o homem a uma síntese entre essência e existência, sujeito e ser, fazendo-o retomar ao *em-si* do *sujeito* que ao longo do discurso das categorias foi se transformando *em-nós*. Vemos então, que essa somente poderá ser finalizada na totalidade da *peessoa* que se evidencia na categoria de *peessoa* (Lima Vaz, 1992, p. 174), onde a *peessoa* será observada como *expressividade* e *síntese metafísica*, aberta à universalidade do Ser, e também, sendo unidade dos opostos inserida no horizonte do tempo.

Nessa direção, Vaz, na categoria de *peessoa* traça o caminho percorrido na filosofia ocidental para a conceptualização do termo *peessoa*. Para percorrer tal caminho elabora um horizonte histórico, fazendo uma análise comparativa do conceito e buscando evidenciar a *originalidade* e identidade da *peessoa*. O que permitirá a Vaz concluir que, em sua existência, no horizonte do tempo, a *peessoa* em busca de sua identidade descobre a tensão existente entre o *ser-que-é-mortal* e o *ser-que-é-imortal*, que é ela mesma. Momento em que se descobre como *ser-para-o-Absoluto* e lançada para uma *nova vida*, isto é, para a *vida eterna*.

2 A categoria de pessoa¹⁵

No entanto, no caminho percorrido no capítulo anterior vimos desde a construção do pensamento de Lima Vaz, em sua vida intelectual, até o desenvolvimento de sua antropologia. Observamos assim, que em sua concepção de *homem* quis resgatar a concepção unitária do ser humano na *totalidade* da *pessoa*. Compreendendo-a então como “o indivíduo considerado na sua unidade mais profunda, e o indivíduo, a pessoa na sua participação múltipla e temporal, ou seja, em sua materialidade.” (Pereira, 2019, p. 107).

Ao colocar o ser humano como ser de unidade traz a categoria de *pessoa* como a de essência, como ponto central da inteligibilidade e da totalidade, e excesso ontológico que caracteriza a autocompreensão do humano e sua abertura ao infinito. Além de apresentar o *homem* como ser inteligente e livre.

Fará tal posicionamento desenvolvendo a categoria de *pessoa* sob três pontos, essa como *método*, *expressividade*, *síntese metafísica*, que poderão ser percebidos ao longo da leitura dessa categoria (Konzen, 2017, p. 96).

2. 1 A categoria de pessoa na obra *Antropologia Filosófica*

Ao introduzir essa categoria, padre Vaz faz um traçado inicial da complexidade histórica da noção de *pessoa* do ponto de vista da linguagem. Assim ele diz:

o termo *pessoa* (*prósopon*, *persona*) percorreu diversos territórios semânticos, desde a linguagem teatral, onde provavelmente reside a sua origem, passando pela linguagem das profissões, pela gramática, pela retórica, pela linguagem jurídica, pela linguagem teológica, até vir a fixar-se na linguagem filosófica. Todas essas linguagens deixaram seus traços na acepção de *pessoa*, traços que aparecem quando tentamos descrever a *experiência da pessoa*, ou quando buscamos enumerar os elementos que integram a sua *pré-compreensão* no mundo cultural que acompanhou a longa história do termo e do conceito. (Lima Vaz, 1991, p. 189)

Posteriormente, nosso autor defende que a raiz do termo está no terreno teológico, haja vista que surge no encontro entre o *lógos* bíblico-cristão e o *lógos* grego, ganhando

¹⁵ Vaz formula uma bibliografia fundamental sobre a noção de *pessoa* em nota de rodapé, trazendo assim, alguns autores e obras que ele destaca como importantes para o estudo mais aprofundado dessa temática. Essa é a primeira nota de rodapé dessa categoria, podendo ser encontrada na p. 237 de sua *Antropologia Filosófica II*.

ênfase nas controvérsias¹⁶ trinitárias e cristológicas do século IV. O que, para Vaz faz com que se torne vazio todo discurso sobre a *pessoa* que ignore esse terreno. (Lima Vaz, 1991, p. 189 – 190)

Em seguida, Vaz delineia duas chaves interpretativas para o seu roteiro dialético seguido nessa sua obra até alcançar essa categoria. A primeira se dá pela sequência das seções e supressão, tanto no plano intercategoriais quanto interregional; a segunda é pela articulação entre essência e existência, isto é, pela automanifestação com que o ser humano se constitui e se exprime como *ser*. Em seu modo de pensar, a essência é “o momento da manifestação do que o ser-homem é [...] na sua estrutura e nas suas relações” (Lima Vaz, 1991, p. 190); por sua vez, “a existência é o momento da manifestação do que o ser-homem efetivamente *se torna* na sua realização” (Lima Vaz, 1991, p. 190). Portanto, Vaz percorre uma inteligibilidade *para-nós* a partir do nosso *estar-no-mundo* por meio do corpo próprio até alcançar a unidade final. Também, em outro sentido, no discurso da antropologia vaziana, há a ordem da inteligibilidade *em-si*, que é a inteligibilidade radical do ser humano no movimento do *dado à forma* pela mediação do *sujeito*, isto é, do *ser-que-é* ao ser que *deve-ser* em seu existir singular.

No entanto, a *pessoa* surge no discurso da antropologia filosófica vaziana como *resultado* da singularidade que assume e transcende a *universalidade* da *essência* na *particularidade* de sua *existência histórica* que se evidencia no *ato pessoal*. Nessa categoria acontecerá o *princípio de totalização* ou da “expressão do *eidos* total do homem” (Lima Vaz, 1992, p. 192). Os atos pessoais são intimamente ligados ao sistema transcendental do Ser, o que faz com que “toda visão de Unidade, todo conhecimento da Verdade, todo consentimento ao Bem” (Lima Vaz, 1991, p. 193) pertençam aos atos da *pessoa*, que será desse modo uma síntese metafísica.

Na sequência do desenvolvimento da introdução dessa categoria Lima Vaz retoma o horizonte moderno e nos traz o horizonte da pós-modernidade ou contemporaneidade a fim de poder trazer as limitações desse. Do seu ponto de vista, entre Descartes a Kant e Hobbes a Hume, o conceito sofrerá variações entre unidade da consciência-de-si e a pluralidade das representações do Eu. Nessa sua ótica, Vaz concede à antropologia

¹⁶ As controvérsias trinitárias e cristológicas do século IV, aqui referenciadas por Vaz são aquelas que culminaram no Concílio de Calcedônia (451).

kantiana o mérito de trazer a pessoa para o centro das preocupações ao direcioná-la para o centro da moralidade como *fim absoluto* e declarando sua autonomia na qual a põe como autolegisladora.

Por fim, nessa parte, Vaz traz os dois principais paradigmas que buscaram tratar da compreensão filosófica da *pessoa*: o dialético e o fenomenológico. Ao trazer o paradigma *dialético* aponta que esse fundamenta-se na razão pura teórica obedecendo a lógica da metafísica moderna da subjetividade. Nesse contexto, Vaz destaca Hegel com a sua transposição da metafísica moderna do sujeito à metafísica clássica greco-cristã, que Hegel explora por meio do conceito de liberdade e pela sequência da dialética do Espírito objetivo até a sua suprassunção no Espírito absoluto. No entanto, Vaz aponta algumas limitações nessa abordagem, como “a insuficiente determinação do lugar da *intersubjetividade* na constituição do *sujeito*, e os problemas que decorrem da relação entre a *liberdade*, constitutivo essencial da *pessoa*, e o Sistema” (Lima Vaz, 1992, p.198).

Já ao trazer o paradigma *fenomenológico*, Vaz constitui nesse uma crítica ao psicologismo positivo e avança a descoberta da *intencionalidade* da consciência desenvolvida por Husserl. Partindo dessa perspectiva dá destaque a Max Scheler com a sua fenomenologia do *ato*¹⁷ e reformulação do conceito de *pessoa*, que serviu de apoio para a reivindicação do termo *pessoa* no século XX. Scheler ao reformular o conceito de *pessoa* a evidencia não como uma simples unidade psicológica, pelo contrário, a traz como um ser capaz de atos intencionais e profundos. Desse modo, Scheler em sua análise fenomenológica centraliza a experiência humana e afirma a singularidade da *pessoa*. (Lima Vaz, 1992, p. 199)

Portanto, Vaz ao apresentar esses dois paradigmas faz uma convergência entre ambos apontando serem perspectivas fundamentais e complementares. Assim, demonstra que o dialético possui valor, principalmente ao explorar a estrutura universal e racional da subjetividade e da liberdade em um sistema totalizante. Enquanto, o fenomenológico possui valor ao por em evidência a intencionalidade e a vivência individual da consciência. Assim, Vaz nos contextualiza no cenário da compreensão de *pessoa* na filosofia contemporânea considerando os aspectos da liberdade, da intersubjetividade e da profundidade dos atos e experiências pessoais.

¹⁷ Sobre a fenomenologia do ato de Max Scheler ver Lima Vaz, *Antropologia Filosófica I*, p. 218 -219.

2.1.1 A pré-compreensão

Sobre essa contextualização, Vaz ilustra o campo da pré-compreensão, isto é, o campo mais histórico-cultural. Assim, conforme observa Silva, segue a esteira de Voegelin (Silva, 2022, p. 134), reforçando como antecedentes históricos o homem bíblico e o homem grego, fazendo assim, um retorno à forma da *transcendência* em Israel e à forma da *transcendência* grega. Na visão vaziana a forma da *transcendência* em Israel traz o indivíduo em diálogo com o Absoluto apresentando a unidade entre *vocação* e *missão*, *identidade* e *destino*. E já a forma da *transcendência* grega trará o campo da *filosofia* dando origem à “diferenciação *noética*” da consciência.

Ambos antecedentes históricos, por caminhos diferentes que um dia se convergem no cristianismo, fazem “a descoberta e a afirmação da *individualidade espiritual* do homem” (Lima Vaz, 1991, p. 203). Por causa desse apontamento, Vaz retoma a questão espiritual do homem que aprofundara em sua obra na categoria de *espírito*, lembrando o ser humano como possuidor de inteligência e liberdade, posse que traz o caráter da estrutura noético-pneumática do *espírito*. Será nesse ponto que acontecerá o encontro do *lógos* bíblico e o *lógos grego* por meio do Evento Cristo ou Fato do Cristo. Esse Evento ou Fato, segundo Vaz, é a gênese, histórica e teórica do conceito de *pessoa* adotado no ocidente. Compreendendo que o aprofundamento desse Evento caberá ao terreno da teologia, ainda não busca aprofundar esse, apenas apontar seu acontecimento para evidenciar a mudança de paradigma que esse Evento apresenta à ideia de *pessoa*.

Ao notar a origem da experiência da *pessoa* como fruto do debate teológico, Lima Vaz apresenta como se deu a sua preeminência. Apontando que se deu nos sentidos *heurístico* e *normativo*. O *heurístico*, relativo à revelação da *pessoa* nos mistérios cristológicos e trinitários. O *normativo* sob o tema da *imagem*.

Vaz, por sua vez, descreve a pré-compreensão de *pessoa* como experiência da *pessoa* que acontece como existir *pessoal*. Essa experiência tem por característica principal a manifestação da *alteridade* em nossa *ipseidade*, isto é, a presença do Outro em nossa identidade. Nessa direção manifesta uma tríplice dimensão de presença: a “experiência de presença às *coisas* [Mundo], ao *outro* [História] e ao *Transcendente* [Absoluto].” (Lima Vaz, 1992, p. 208).

Desta forma, Vaz resgata os aspectos das relações humanas, que foram alvo de desenvolvimento em categorias anteriores a essa, isto, é, nas categorias de *relação*. Contudo, ele define nesse contexto, da pré-compreensão, que a identidade pessoal surgirá como fruto da dinâmica da abertura e do diálogo da *pessoa* com as realidades externas a ela.

2.1.2 A compreensão explicativa

Já na compreensão explicativa, Vaz busca delinear as ciências do homem esforçando por unificar o conjunto de manifestações do seu ser. Sobre esse aspecto recorda Silva, que na visão de Vaz “uma ciência sobre a *pessoa* se mostra inexequível, por que a *pessoa* está para além dos conceitos operacionais de qualquer ciência” (Silva, 2022, p. 139). Assim, Vaz traça um itinerário buscando trazer a presença da ciência desde Aristóteles até à Idade Média, concedendo méritos especiais às filosofias tomástica e tomistas. Ao que aponta a conquista dessas últimas no espaço epistemológico com o advento das ciências humanas, quando surgirá, também, o conceito moderno de personalidade, que está entre os conceitos empírico de *indivíduo* e o metafísico de *pessoa*, e conseqüentemente, implicará uma distinção entre *indivíduo*, *personalidade* e *pessoa*.

2.1.3 A compreensão filosófica

Para trazer uma compreensão filosófica, Lima Vaz retoma seu ponto de partida, a concepção de homem como *expressividade*. Nessa concepção, há uma relação entre *ser* e *forma*. Pela forma os seres são organizados, por ela podemos diferenciar seres e ter conhecimento deles, visto que cada ser possui sua própria forma. Assim, a Natureza é composta ordenadamente de *formas*. A forma é o *principium essendi*, *principium operandi*, *principium cognoscendi*¹⁸. Conseqüentemente, cada ser é conduzido a adequar-se à sua *forma*. Podemos afirmar, que sem colocar parênteses Vaz faz aqui um parêntese ao afirmar que sob essa noção será formulada a noção de *physis* de Aristóteles.

Os seres que podemos denominar “naturais” tendem necessariamente a realizar a sua *forma*, e é esse fenômeno de observação universal e imediata que

¹⁸ Tradução: *princípio de ser, princípio de operar, princípio de conhecer*.

Aristóteles conceptualizou na noção de *physis*. Também o homem, desde esse ponto de vista, é um ser “natural”. (Lima Vaz, 1992, p. 217)

No entanto, nesse sentido, o homem apesar de ser um ser natural e conduzido a um determinismo natural pela forma, não é definido por ela em sua essência e seu finalismo enquanto *humano* (Ferreira, 2009, p. 128 – 129). Pela natureza da forma é *dado* a si, mas pela *essência* é movimento *dialético* da forma natural que é *dada* à forma propriamente *humana* recriada como expressão do ser que é ele mesmo. O que o fará um *artífice* de si em sua *existência*.

Como *expressividade* evidenciará a necessidade de ilustrar a identidade de ser e *manifestação*. Pois, essa é *mediatizada* pelas diferenças que salientam as formas de manifestação, o que faz com que seja identidade *em devir*, consequentemente *resultado* recomeçado da existência que se realiza. Contudo, compreender filosoficamente a *pessoa* é tematizar essa identidade mostrando-a como *termo* e *princípio* de inteligibilidade e evidenciando que, como recorda Silva ao comentar Vaz, “a *pessoa* é um movimento de sua automanifestação manifestado em suas categorias estruturais, de relação e unidade.” (Silva, 2022, p. 92).

2.1.3.1 Aporética histórica

Em seu itinerário da *pessoa*, discurso central da antropologia filosófica vaziana, nosso autor opta, também, por ir um pouco mais adiante nos trilhos da história do conceito na cultura ocidental. Assim, Vaz apresenta a prefiguração da *pessoa* no pensamento clássico, a *pessoa* e natureza no contexto cristão-medieval e a relação da *pessoa* e subjetividade na modernidade, para então, trazer o horizonte da pós-modernidade.

Para Vaz, a prefiguração da *pessoa* no pensamento clássico tem seu solo o conceito socrático de *psyché*, preocupação principal da tradição platônico-aristotélica com sua metafísica do Espírito-*nous* que é melhor desenvolvida no horizonte do neoplatonismo. Por outro lado, possui fundamentos no estoicismo, que buscou estabelecer a relação entre o homem e o *lógos* universal formulando uma ideia de “lei natural”. Portanto, no pensamento clássico o homem será definido como portador do *lógos*, o que o força a abandonar sua existência ao destino fazendo-se consistir o ápice da perfeição na contemplação da realidade ideal. “Sendo o homem antigo definido como *lógon échon*, como portador do *lógos*, ele se vê, finalmente, forçado a abandonar a sua

existência à obscuridade do acaso ou à necessidade do destino.” (Lima Vaz, 1992, p. 219).

Já no pensamento cristão-medieval, acontece o encontro entre o *lógos* grego e o *lógos* cristão com o itinerário da linguagem, que passa para o da filosofia até alcançar o curso da totalidade. Nesse contexto, se condensará com o debate sobre os termos *ousía* e *hypóstasis* sob as sombras das relações de criaturalidade, do homem como objeto da eleição salvífica de Deus, da contingência do existir empírico e do *livre-arbítrio* e da necessidade de *essência*. Dessa maneira

se a grande aporia do pensamento antigo foi a impossibilidade de pensar a comunicação da inteligibilidade universal da *essência* à singularidade da *existência*, o pensamento cristão-medieval viu-se aqui diante da aporia inversa, qual seja a de preservar a inteligibilidade da existência singular. (Lima Vaz, 1992, p. 220)

E já no pensamento moderno, surge a novidade do *sujeito moderno*, que é declarado por Descartes. Evidencia-se, nesse contexto, a oposição entre *essência* e *existência*. A *ideia de sujeito* quer relacionar o homem da contingência e do destino elevando-o à dignidade de causa e razão própria de seu existir. Segue essa proposta suprimindo a relação com o Absoluto transcendente, portanto, da condição criatural do ser humano por parte do Absoluto, colocando-o como criador de si e de seu mundo (Matos Júnior, 2011, p. 115). O que dará fundamentação para o desenvolvimento da noção de *homem* na pós-modernidade.

É necessário nos atentar que, Vaz ao tratar do tema da *pessoa* na modernidade, ainda nela, faz uma transição para a pós-modernidade. Apresentando que na pós-modernidade já se vê a fragmentação do *sujeito* nas ciências humanas e a proclamação da dissolução do objeto-homem pelo anúncio da “morte do homem”. No entanto, “o que resta da *ideia* do homem são fragmentos de discurso ou microunidades narrativas disseminadas num campo de linguagem de onde desaparecem as grandes linguagens do *sentido*” (Lima Vaz, 1992, p. 222).

O que provocará alguns pensadores a buscar uma visão unitária, sobretudo, os que permanecerão no solo do cristianismo. Contudo, haverá por um lado a desconstrução da ideia de homem e, por outro, uma tentativa de resgate da visão unitária de homem.

2.1.3.2 Aporética crítica

Após delinear o itinerário histórico, Lima Vaz adentra a aporética crítica, onde na percepção de Silva irá trazer como afirmação que “a *pessoa* vive uma superação dos seus limites” (Silva, p. 146, 2022) articulando-o em dois momentos: *eidético* e *tético*. No momento *eidético* se encontra a síntese das regiões categoriais, isto é, da *essência* e da *existência*, assim como, a limitação da conceptualização unívoca das categorias que expresse o homem como *ser situado*. Apesar dessa limitação vemos a abertura categorial que põe o homem na infinidade do Absoluto pelo ato da *contemplanção*. Já no momento *tético*, Vaz delineia que

a *pessoa* é o *universal* finalmente alcançado ou tornado *energéia* no sujeito que se autoafirma como absolutamente *singular*. Nessa homologia entre *sujeito* e *ser*, o momento *tético* da afirmação coloca o filósofo diante daquela que pode ser dita a opção *ontológica* decisiva, na sua tarefa de interpretar o sentido último do percurso dialético do *Eu sou*. (Lima Vaz, 1991, p. 225)

Alcançando, portanto, na aporética crítica, a totalização do discurso antropológico mostrando nessa direção o homem aberto à *universalidade* do *Ser* em sua *particularidade existencial*. O homem é evidenciado como paradoxo residente na unidade dos opostos, da *essência* e da *existência*, da *elevação* e da *descida*, do *ascendente* e do *descendente*. E será nesse sentido que para Vaz o *homem* é tido como *pessoa*.

2.1.4 A pessoa humana entre o tempo e a eternidade

Ao concluir a categoria de pessoa na *antropologia filosófica*, Lima Vaz põe a pessoa entre o tempo e a eternidade, no horizonte da morte.

As intuições mais profundas da inteligência, os mais audazes ímpetus da liberdade, o gesto supremo do amor e do dom de si, a elevação contemplativa do místico, a criação genial do artista e, ainda, os produtos da poésis, as instituições da práxis, as grandes construções intelectuais da *theoría*, tudo, afinal, é coberto pela sombra da morte. (Lima Vaz, 1992, p. 228)

Diante do horizonte da morte, o ser humano se reconhece limitado, mas, quer ser ilimitado. Assim, busca o horizonte da imortalidade celebrando as obras que aparentemente imprimem a marca da imortalidade, como um concerto de Mozart, por exemplo.

Tal busca, comum entre nós, seres humanos, proclama um componente da concepção de *homem*, a noção de *ser-para-a-imortalidade*. Proclamação que opõe-se à posição heideggeriana de *ser-para-a-morte*. Vaz dessa forma situa-o como ser entre a

mortalidade e a imortalidade conferindo ao espírito o desfecho da luta entre a vida e a morte:

na lucidez do ser que sabe-se mortal, que também emerge a resposta de um ser-para-a-imortalidade na tentativa de libertação da tragédia da finitude e contingência humana, da morte. Assim a categoria de pessoa se situa nesse ponto de convergência, na sua dimensão metafísica (ser) dilacerado entre a morte e a imortalidade. (Barbosa, 2021, p. 47)

No horizonte desse conflito surgem os belíssimos mitos da imortalidade. A diversidade desses mitos irá numa certa direção evidenciar o pertencimento dessa luta ao *espírito*, que é o terreno dos conflitos entre as razões. Consequentemente, surgem também as visões do materialismo e espiritualismo.

Na perspectiva da imortalidade, Vaz, como recorda Silva, estuda o problema clássico da imortalidade e a afirmação da ressurreição do homem (Silva, 2022, p. 149). Desta forma, recorre principalmente, ao filósofo Éric Voegelin, e aos teólogos Claude Tresmontant e Jean-Yves Lacoste. E observará Vaz, que ganhará mérito entre as provas da imortalidade a do *Fédon*, obra do filósofo Platão. Entre essas provas receberá defesa a questão da alma-substância, que traz duas questões: a da união da alma com o corpo e a da sobrevivência daquela sem esse, onde surgem Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Santo Agostinho se apoiando na tradição platônica para organizar a ideia da alma subsistente que independe do corpo. Santo Tomás de Aquino, por sua vez, se apoiando na doutrina aristotélica e recorrendo à concepção da alma *forma* do corpo. Na linha da ontologia da alma há uma transformação na teologia cristã, nela surgirá a tese da ressurreição da carne e do encontro com o Ressuscitado trazendo a vida desse como *vida eterna*. (Lima Vaz, 1991, p. 230 – 231) Essa, por sua vez, minimiza o enigma da *imortalidade* ao tratar da vitória da vida sobre a morte, e consequentemente, tratar de uma *nova vida*. Assim, “a morte segundo a fé é o último inimigo a ser vencido e a salvação se consumará pela ressurreição do homem para uma vida nova.” (Silva, 2022, p. 149).

Contudo, na formulação da *pessoa* do Ressuscitado, isto é, do Fato do Cristo, surge o conceito de *pessoa*. Diante desse terreno, que é teológico, aparece-nos a problemática filosófica, da questão da mortalidade. Perante tal, manifesta-se a indagação do como conciliar a abertura para a Transcendência do homem com sua mortalidade. Surgindo assim, a necessidade da *eternidade* se fazer *tempo* num sentido de

temporalização do Eterno no humano, e da realização final da pessoa, que é ser-no-mundo, no ser-no-Absoluto. No entanto,

na categoria de pessoa, a antropologia filosófica vaziana, diante das aporias e limitações da noção de homem, assume como resposta o estatuto de ser integralmente uma antropologia metafísica, ontológica, filosófica da pessoa, mas cuja riqueza inspiradora está na teologia. (Barbosa, 2021, p. 48)

Mas, por nosso autor não ter a intenção de ser teólogo apesar de sua intensa inspiração, ele somente delineia tal riqueza, haja vista que reconhece ser essa a principal a fundamentar a concepção de *pessoa* no ocidente.

Considerações finais

Nossa pesquisa, no entanto, revelou-nos que Lima Vaz no decorrer de sua obra reconstitui a unidade da *pessoa humana* evidenciando-a como *expressividade* e inserindo-a no horizonte do tempo como *ser-para-a-imortalidade*, portanto *ser* aberto à eternidade.

Assim, na categoria de *pessoa* ele conjuga seu itinerário antropológico apontando a *pessoa* como um *resultado*, visto que, ela é a soma de seus aspectos. Nessa direção apresenta-a, também, como possuidora de *atos próprios*, que a conectam aos transcendentais *da verdade, do uno e do bom* tornando-a uma síntese metafísica.

Desse modo, observamos, também, que Lima Vaz para fazer tal defesa e melhor se fundamentar busca traçar nessa categoria dois roteiros, um histórico e o outro das ciências. O roteiro histórico, ele formula tanto na pré-compreensão quanto na aporética histórica da compreensão filosófica, a fim de evidenciar a fragmentação histórica; e o roteiro das ciências do homem, o formula por meio da compreensão explicativa, para unificar as diversas abordagens utilizadas nesse campo, o que fará com mais intensidade na aporética crítica da compreensão filosófica.

E nesse sentido irá a inserir no horizonte do tempo na unidade dos opostos *finitude-infinitude* trazendo o aspecto da morte, ponto de mediania desses. Onde a *pessoa* se percebe limitada por um lado, mas se descobre ilimitada pelo outro como possuidora da *vida eterna*. Ao que concluímos nas palavras do próprio Vaz

a *pessoa*, conquanto existindo como ser-no-mundo e exercendo no tempo os atos pelos quais exprime o ser *total* do homem na sua homologia com o Ser (atos que são, por definição os atos da *vida segundo o espírito*), não existe em si mesma como voltada teleologicamente, em virtude de intrínseca necessidade, para o horizonte do mundo e para os seus fins temporais como sendo o *éschaton* definitivo do seu ser. (Lima Vaz, 1992, p. 235)

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paulo Raphael Oliveira. **A antropologia filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz como superação do reducionismo antropológico**. São Paulo: PUC-SP, 2016. 163p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, 2016. Orientador: Marcelo Perine.
- AQUINO, Marcelo Fernandes de. **Uma antropologia filosófica que se eleva à metafísica**. Entrevista concedida a Márcia Junges. IHU On-line, São Leopoldo, ano 14, n. 488, p. 20-26, 2016.
- BARBOSA, Isaias Mendes. **Antropologia filosófica vaziana: as concepções do homem na filosofia contemporânea e a categoria de pessoa**. Logos & Cultura, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 31-50, 2021.
- FERREIRA, Márie dos Santos. **O conceito de pessoa humana no pensamento de Lima Vaz**. 148p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades. Fortaleza, 2009
- GONZAGA, Noel Vitor. **A tríade: Corpo, Alma e Espírito em 1Ts 5,23 e na Antropologia de Lima Vaz**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2021. 137 p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Teologia Bíblica, 2021. Orientador: Waldecir Gonzaga.
- HERRERO, Francisco Javier. **Aspectos fundamentais da antropologia filosófica do Padre Vaz**. Revista Veredas do Direito, Belo Horizonte, v.1. n. 2, p. 53-61, jan./jun. 2004.
- KANT, Immanuel. **Lógica**. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- KONZEN, Felipe Klafke. **O conceito de pessoa em Lima Vaz**. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Filosofia, São Leopoldo, RS, 2017.
- MATOS JÚNIOR, Elílio de Faria. **As condições de possibilidades da metafísica segundo Padre Vaz**. Belo Horizonte: FAJE, 2011. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Filosofia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2011.
- OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. **Metafísica e Ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao nilismo contemporâneo**. São Paulo, SP: Loyola, 2013. 295p. (Coleção estudos vazianos)
- OLIVEIRA, Paulo Roberto de. **A estrutura da antropologia filosófica de Lima Vaz e a necessidade do pensamento teológico**. In: XII Simpósio Internacional Filosófico-Teológico: “Filosofia e Teologia: relações e tensões”. Belo Horizonte: FAJE, 2016.

PEREIRA, José Honorato. **O homem como Mediação e Expressão**: a pessoa enquanto Ser-Para (ess ad) na Antropologia Filosófica de Lima Vaz. 125 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Filosofia, 2019.

SANTOS, José Henrique. Padre Vaz, filósofo de um mundo em busca de sentido. **Boletim Informativo da UFMG**, Belo Horizonte, n. 1353, ano 28, 13. jun. 2002. Disponível em: <https://padrevaz.com.br/index.php/biografia/depoimentos-sobre-lima-vaz/394-padre-vaz-filosofo-de-um-mundo-em-busca-de-sentido>. Acesso em: 5 out. 2024.

SILVA, Edmar José da Silva. Consideração antropológico-metafísica da realização em Lima Vaz. In: OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha; ROCHA, Marcelo Antônio (org.). **O que torna uma vida realizada**: homenagem aos 100 anos de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 12-41.

SILVA, Laureandro Lima da. **Presença de Tomás de Aquino na concepção de pessoa na Antropologia de H. C. de Lima Vaz**. São Paulo: PUC-SP, 2022. 168 p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022. Orientador: Marcelo Perine

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia filosófica**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2006. nv. (Filosofia).

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica**. São Paulo (SP): Loyola, 1992. 1 v.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Morte e vida na Filosofia**. Síntese Nova Fase, v.18, n.55, p. 677-691, out./dez. 1991.

VAZ, Henrique C. de Lima. Meu depoimento. In: Ladusãns, Stanislaus. **Rumos da filosofia atual no Brasil**: em auto-retratos. São Paulo: Loyola, 1976. p. 297-311. Disponível em: <https://padrevaz.com.br/index.php/biografia/textos-autobiograficos/225-biografia-redigida-no-ano-de-1976>. Acesso em 5 out. 2024

VILLELA-PETIT, M. da P. 2021. Henrique C. de L. Vaz, S. J., Leitor de Emmanuel Mounier. **Síntese: Revista de Filosofia**. 48, 150 mar. 2021, 153. DOI:<https://doi.org/10.20911/21769389v48n150p153/2021>.

VITOR, Luiz Fernando Gomes. **O sentido do humano na modernidade**: desafios e perspectivas a partir de Lima Vaz. TA: Território Acadêmico, Taubaté, v. 1, p. 115-154, 2019.